

CANTET, L. *Entre os muros da escola*. França, 2008.

Murro em parede

Fabício Cordeiro dos Santos*

O cinema de Laurent Cantet já se mostrou muito interessado nas relações humanas movidas, de alguma forma, pelo trabalho, nem que seja pela falta dele (o desemprego praticamente pessoalizado conferido em *A agenda*), ou pelos esforços que parecem mais destinados a uma frustração não apenas pessoal, mas também nacional, como parece ser o caso deste *Entre os muros da escola* (França, 2008).

Palma de Ouro no Festival de Cannes de 2008, *Entre os muros da escola* traz François Bégaudeau no papel de François Marin, professor de Francês do oitavo ano em um colégio francês. O filme é inspirado em livro escrito pelo próprio Bégaudeau e tem uma atmosfera de realidade muito forte. Atores-pessoas interpretando personagens de mesmo nome, gente viva, provavelmente com muito de si mesmos. Primeira imagem de Marin é dele tomando um café, quase relutante, mais um ano o espera, ano este previsto em uma reunião em que professores se apresentam e desejam sorte uns aos outros, tudo muito espontâneo.

Cantet é um desses diretores que realmente parecem arquitetar algo maior a partir de pequenos eventos. Dentre os “diretores a serem lembrados daqui a alguns anos” mencionados por Michel Marie em seu texto sobre o cinema francês contemporâneo, presente no livro *Cinema mundial contemporâneo*, de Fernando Mascarello e Mauro Baptista, é bem provável que Cantet seja o mais interessante. Mais que Bruno Dumont e às vezes seu aparente prazer em fazer “cinema difícil” ou “cinema conceito”, ainda que também tenha seu interesse.

Aqui, em princípio, temos o bem intencionado professor Marin tentando ensinar e lidar com uma classe, no geral, resistente. São garotos e

* Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: fabridoss@yahoo.com.br

garotas por volta de seus 14 anos, conversadores, provocadores, dispersivos, entediados, sonolentos, piadistas, por vezes petulantes e agressivos, raramente dedicados, mas todos eles, sem exceção, com alguma característica capaz de inserir alguma tensão no ambiente escolar. Cantet, que em boa parte do filme trabalha, basicamente, com duas perspectivas, a dos alunos e a de Marin (embora não sejam exatamente planos subjetivos, da real posição do professor), faz questão de mostrar os diversos níveis de desatenção dos alunos, seja com um celular, um bocejo ou papos frequentes.

Alguns espectadores talvez se surpreendam ao perceber que o comportamento de jovens estudantes franceses em muito se assemelha ao de alunos brasileiros, sobretudo no que se refere a questões étnicas e raciais, de pele e cultura. Brasil, país imenso, regionalizado, miscigenado, de uma multiplicidade cultural que muitas vezes beira o conflito, questões de identidade e lugar não muito distantes da relação da França com seus muitos imigrantes. Aos poucos, a turma do oitavo ano de Marin se revela mais e mais diversificada em traços, religiões, nacionalidades, visões de mundo; grupo de jovens que, individualmente, parecem representar algo, mas nunca sozinhos, nem nos enquadramentos, quase sempre sendo focado um aluno enquanto outros podem ser percebidos ao fundo ou do lado.

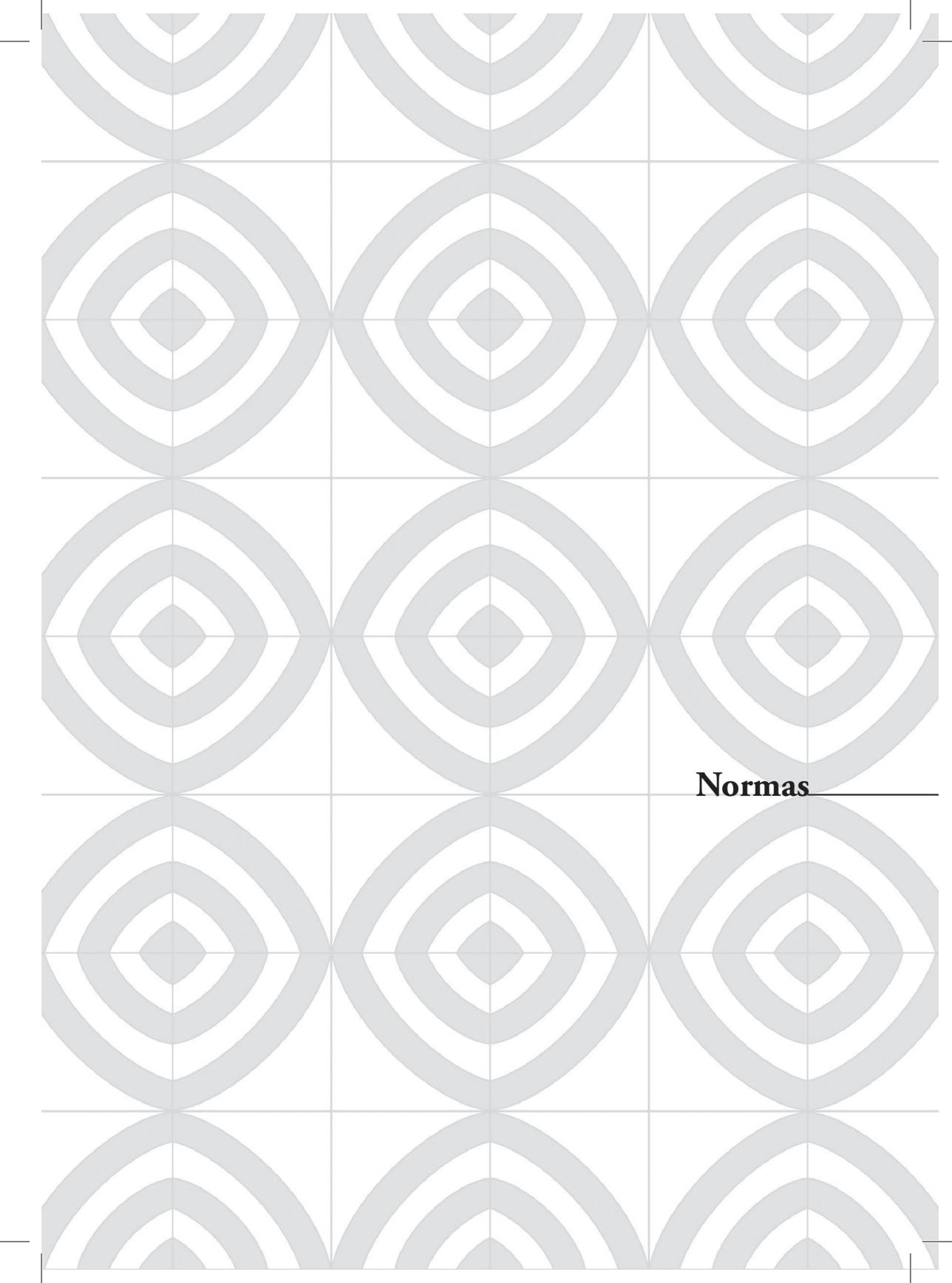
Impressiona como Cantet concebe uma noção de coletividade tão sólida e, ao mesmo tempo, tão precisa para destacar o singular. Há, por exemplo, uma aluna chamada Esmeralda que se distingue dos demais com sua postura desafiadora, e Souleymane, um jovem de Mali com sua própria pequena história centrada em acessos de raiva e revolta. A câmera os procura um pouco mais que os outros, e são eles os protagonistas dos maiores confrontos com Marin, também com sua parcela de responsabilidade em episódio que envolve ofensas, desacatos e sangue. Se há uma palavra em francês aprendida ao assistir a *Entre os muros da escola*, esta é *pétasse*.

Esmeralda chama a atenção por sua habilidade em irritar. A menina que a interpreta, também chamada Esmeralda (quase todos os atores, maioria amadores, cedem seus nomes aos personagens), é um achado na representação do típico aluno “pé-no-saco”. Difícil não pensar em *Entre os muros da escola* sendo visto por professores, ou exibido em salas de aula (por mais que não seja um filme de “utilidade pública”), e em como deve ser doído cogitar a possibilidade de uma aluna dessas ter alguma razão. É muito fácil odiá-la.

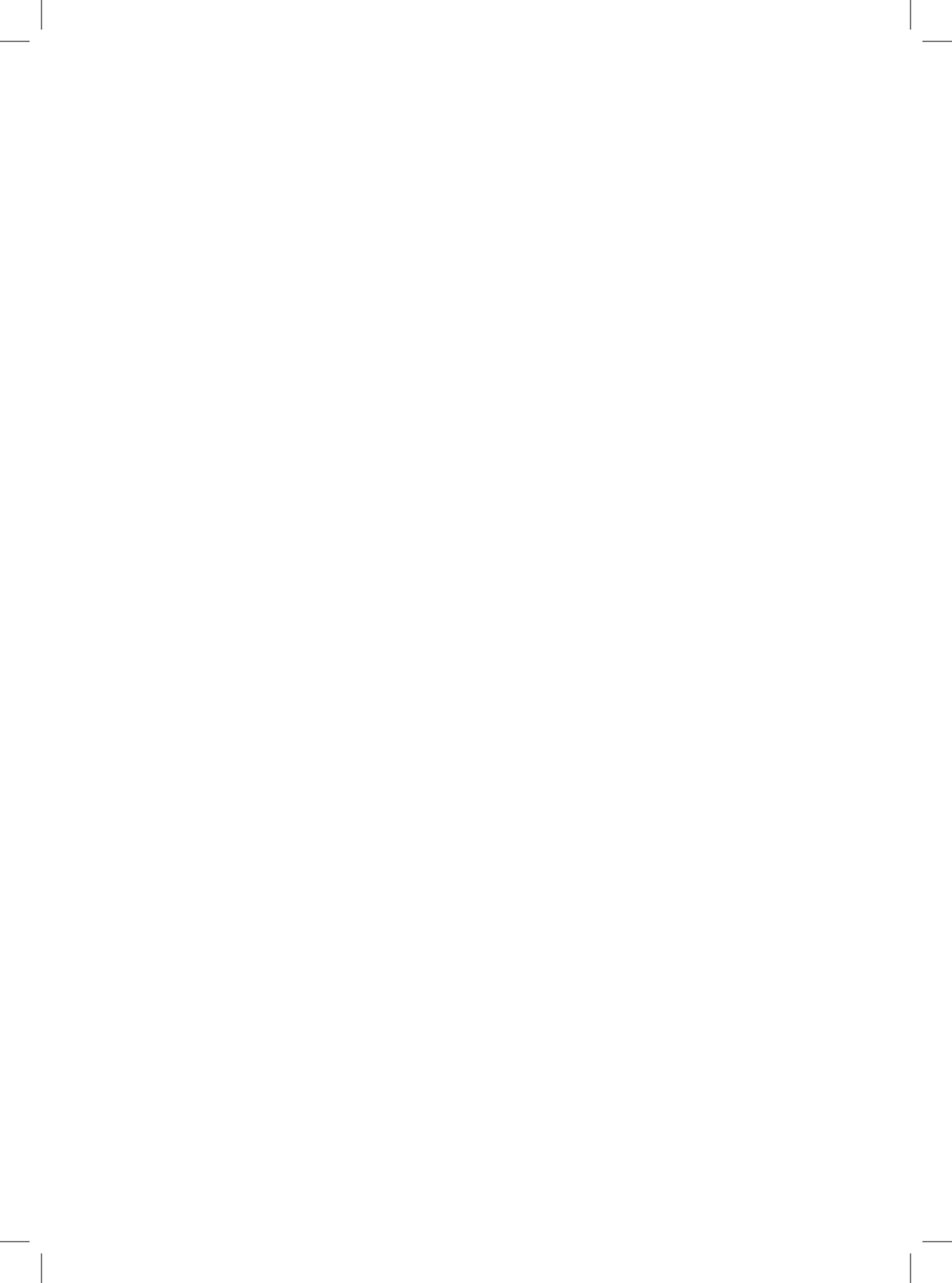
O que Cantet parece fazer em meio a toda essa composição de climas pesados é buscar um mínimo de rachadura nos intitúlaveis muros da escola, com seus blocos de regras, condutas, posições hierárquicas, de autoridade, de papéis a serem supostamente cumpridos em um universo ideal de ensino, mas que curiosamente agrega toda uma infinidade de universos. Numa sala de aula, mundos e histórias, repletos de detalhes inacessíveis, embora invariavelmente presentes. Marin só toma conhecimento do caso de Souleymane tarde demais; na sinceridade do ofício, ele não tem tempo ou energia para considerar, a todo instante, as variações socioculturais da turma; professor de francês, Marin se descuida no uso da língua diante de tanta variedade interpretativa. Não que Cantet esteja, com seu filme, apontando o certo e o errado, mas questionando se há o certo e o errado e, talvez mais além, se é até mesmo possível estabelecer reais noções de certo e errado em um cenário aprisionado.

É preciso lembrar que a única cena do filme que se passa fora da escola é a primeira, em que Marin toma seu café pouco antes de iniciar o semestre. Existe, portanto, uma vida lá fora, que não será mostrada em nenhum outro momento. Essa sensação de prisão encontra reforço nos planos que mostram o pátio da escola: alunos andando, brincando, brigando, encostados nas paredes; imagens que, geralmente vistas de uma janela superior, lembram o espaço recreativo de uma penitenciária. Idealiza-se, assim, um lugar de aprendizado que tenta se privar do que vem de fora, supostamente alheio a um exterior tão significativo. Sobra, enfim, a devastadora percepção de que todo um sistema pode não servir para nada, restando aos “detentos” se refugiar na distração esportiva, também entre os muros.





Normas



Normas para apresentação de originais

Informações gerais

A Revista *Polyphonia* é uma publicação semestral do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás – Cepae/UFG, cujo propósito é divulgar trabalhos relacionados à Educação Básica.

Organizada em seções, a Revista traz um dossiê composto de artigos que discutem determinado tema (previamente divulgado), entrevistas, artigos diversificados, além de resenhas de livros.

Os trabalhos encaminhados para submissão são apreciados pelos membros da Comissão Editorial e, sem identificação de autoria, são submetidos aos integrantes do Conselho Científico ou a pareceristas *ad hoc*, para avaliação. As resenhas são analisadas no âmbito da comissão responsável pelo periódico. Pequenas modificações e correções nos textos serão feitas pela própria comissão; alterações mais substanciais sugeridas pelos consultores serão efetuadas em consenso com o autor.

Preparação dos originais

Os textos poderão ser apresentados em português ou nas línguas inglesa, francesa e espanhola. Para o processo de submissão, deverão ser enviados para o e-mail da revista (polyphonia.ufg@gmail.com), em Word for Windows (espaçamento: 1,5; tipo de letra: Times New Roman; fonte: 12; folha: A4; margens: 2,5 cm).

Os trabalhos do gênero artigo ou similar deverão apresentar um resumo (com extensão entre cem e duzentas palavras), sem referências e em parágrafo único, contendo o objetivo, método e conclusão, e deverá ser seguido de palavras-chave (no máximo cinco, com iniciais minúsculas e separadas por vírgula). Deverão conter também título em inglês, *abstract* e *keywords*. Quanto à extensão, artigos e similares deverão ter entre oito e quinze laudas; resenhas, entre três e cinco laudas.

O nome do autor (ou autores) deverá vir logo após o título do texto (à direita), seguido de asterisco indicativo de nota de rodapé com os seguintes dados: vínculo institucional e endereço eletrônico. O texto **não** deverá conter outras notas de rodapé.

As ilustrações (fotografias, desenhos, gráficos e mapas), que serão denominadas figuras (abreviadas como Fig.), deverão ser numeradas, consecutivamente, com algarismos arábicos, em definição igual ou superior a 300 dpi para fotografias e 600 dpi para as demais imagens (desenhos, gráficos, mapas), e não serão publicadas em cores.

As tabelas deverão ser numeradas também com algarismos arábicos e apresentar títulos claros e concisos, além da indicação das fontes correspondentes. Siglas e abreviações deverão estar seguidas de seu significado.

As citações com mais de três linhas deverão ser destacadas, sem entrada de parágrafo, com recuo de texto de 4 cm, em espaço simples, com entrelinhas duplas antes e depois da transcrição, digitadas em fonte 10.

As menções a autores, no correr do texto, mas destacadas dele, deverão subordinar-se à forma autor-data, entre parênteses, como no exemplo: (FRIGOTTO, 1998). Se inserido no texto, o nome do autor constará fora dos parênteses, como no exemplo: “Conforme Frigotto (1998)”. Diferentes títulos do mesmo autor e com a mesma data deverão ser diferenciados pela adição de uma letra após a data: (KUENZER, 2000a), (KUENZER, 2000b).

Quando houver citação de um texto com mais de três autores, deverá ser usado o sobrenome do primeiro autor seguido de et al.: Ferreira et al. (2000).

As referências citadas no texto deverão ser apresentadas ao final do artigo, sob o título “Referências”, de acordo com as normas da ABNT (NBR-6023), conforme exemplos:

Referência de livro

BRAGGIO, S. L. B. *Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

Referência de artigo de periódico

CASTAÑOS, F. Dez contradições no enfoque comunicativo. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, SP, n. 21, p. 65-78, 1993.

FILETTI, E. Da linguagem em seus aspectos orais e escritos. *Solta a Voz*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 29-42, jan./jun. 2004.

Referência de capítulo de livro

FRIGOTTO, G. Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito. In: FRIGOTTO, G. (Org.). *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 25-54.

Referência de dissertações e teses

CONSOLO, A. D. O livro didático como insumo na aula de língua estrangeira (Inglês) na escola pública. 1990. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1990.

SOUZA, L. V. As proezas das crianças: das mal traçadas linhas ao texto de opinião. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

Referência de internet

ARAÚJO, R. M. de L. *A reforma da educação profissional sob a ótica da noção de competências*. Disponível em: <<http://anped.org.br>>. Acesso em: 22 out. 2002.

Obs.: Se houver elementos como editora, ano, revista etc., estes devem ser citados.

Revista *Polyphonia*

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Universidade Federal de Goiás

Pró-Reitoria de Graduação

Campus II - Cx. Postal 131 - Goiânia - GO - CEP 74001-970

Tel.: (0xx) (62) 3521-1104 - Fax: (0xx) (62) 3521- 1026

Endereço eletrônico: polyphonia.ufg@gmail.com

Home Page: <http://www.cepae.ufg.br>

Revista online: www.revistas.ufg.br